

1º Semestre 2014 - Ciclo I – terça-feira à noite

Aluna: Ana Gabriela Garcia dos Santos

Título: Joe deseja sexo – Reflexões de uma aspirante à psicanalista sobre o caso de uma ninfomaniaca

Joe faz sexo durante o trabalho, em lugares desconhecidos e em sua casa, aonde leva estranhos. Ela chega a ter dez relações sexuais por dia. Ela se reconhece como ninfomaniaca. Algumas de suas relações são prazerosas, outras não. Mas todas parecem necessárias para aplacar ora a tristeza ora a tensão ora o vazio de Joe. Até mesmo no hospital onde seu pai estava internado, à beira da morte, Joe procura por sexo para suavizar a dor da perda de seu querido progenitor. Ela acredita que o amor é um sentimento imprevisível, ligado ao ciúmes e sofrimento, enquanto o sexo é livre e fácil.

Joe é a protagonista do filme “Ninfomaniaca – Volume 1” (2014), do cineasta dinamarquês Lars Von Trier, a quem “observei” durante quatro horas, vendo e revendo sua história, sendo a revisão feita em esquema de decupagem cena a cena. Trata-se de uma mulher dominada por sua pulsão sexual. Ela chega ao limite quando, já adulta, é encontrada em um beco suja de sangue, caída, imóvel e só. Seligman, seu “salvador”, a leva para a casa dele, onde ela passa a narrar sua infância e adolescência, uma jornada de sexo e tentativa incansável de negação de vínculos. Joe quer provar a Seligman, por meio de

suas recordações, que ela é acima de tudo um ser humano mau e por isso, literalmente, acabou em um “beco sem saída”.

Tal qual em um setting psicanalítico, Seligman oferece-lhe sua escuta: ouve, acolhe, interpreta, questiona, sempre de modo a estimular Joe a resgatar camadas cada vez mais fundas e elucidativas de sua jornada. Ele não se assusta e não julga Joe. Todos os seus movimentos são suaves, econômicos – se resumem a contar algumas histórias e trazer chá e brioche – e vão sempre no sentido de apoiar Joe no seu mergulho interior e inspirá-la a prosseguir.

Joe, com Seligman, oferece resistências e por vezes desvia o olhar do seu mundo interno, e tão doloroso, para o mundo exterior, em tentativas repetidas de confirmar que é uma pessoa má. Nesses momentos, ela “desafia” Seligman. À certa altura ridiculariza seu nome – “por que Seligman?” -- e o fato de ele trazer-lhe um garfo de bolo para comer brioche – algo que ela considera pouco viril, “para não dizer feminino” (por que usar talher em um alimento que se poderia comer com as mãos?).

Seligman mantém-se sereno, neutro, garantindo uma escuta atenta, firme e aberta, sem o impulso de defender o próprio ego. É neste ambiente apaziguador que Joe sente-se confiante para trazer à tona suas lembranças sobre centenas de relações sexuais, sua vida com os pais e a paixão por Jérôme, seu amante e chefe no trabalho.

Podemos fazer a adaptação da estrutura pulsional sujeito – verbo – objeto para Joe – deseja – sexo. Por que Joe desenvolve a ninfomania? Um dos caminhos possíveis para compreender a sua neurose obsessiva é o relacionamento com a mãe, Kay, uma mulher fria e distante da filha, e a perda do vínculo com o pai, que faleceu e deixou Joe solitária.

Desde a infância Joe se conecta fortemente ao pai: ele é carinhoso, presente, inspirador. Médico, o pai de Joe conta-lhe lindas histórias sobre árvores e folhas e faz longos passeios com a filha pelo bosque. Joe é apaixonada pelo pai e, por isso, quando ele adoece, ela bravamente acompanha a sua agonia no hospital até o momento final. Jovem adulta, ela vê toda a decadência do pai: ele sente dor, tem alucinações, precisa ser amarrado à cama, grita por Kay, que nunca está por perto. A mãe tem medo de hospital e não visita o marido. Ela aparece somente para velar o corpo. E nem mesmo nesse momento Kay e Joe conseguem se aproximar: diante do corpo inerte do médico elas mal se olham ou falam.

A experiência traumática de lidar com uma figura feminina tão apagada e indiferente (a mãe) e, por outro lado, a frustração de amar e perder relativamente cedo um homem amado (o pai), parece alimentar a personalidade sádica e *blasé* de Joe. Desde criança Joe nunca conseguiu perceber o que a mãe sentia por ela, jamais pôde amar de verdade sua mãe – não seria amada de volta -- ou admirá-la como figura materna ou companheira

de seu pai. Nas suas palavras, Kay, a mãe, “era uma vadia”, insensível ao marido e, não dito verbalmente mas claramente percebido por Joe, insensível também à filha.

O trauma da mãe indiferente, que jamais soube proteger ou incentivar Joe, somado à triste perda do pai querido, a única referência de amor em sua vida, consolida nela a necessidade de defesa do ego contra o medo de amar e não ser amada ou, ainda, de amar e perder justamente quem se ama, como ocorreu com a figura paterna.

Em sua primeira experiência sexual aparece a tendência sádica na forma de uma revanche, cujo padrão será repetido nos demais relacionamentos de Joe com os homens. Joe pede a um jovem que tire a sua virgindade. Ele está aflito, consertando sua mobilete enguiçada, mas atende ao pedido de Joe. Tudo acontece em poucos minutos, sem carinho ou cuidado. Ela sente muita dor, não sente prazer nem uma emoção especial.

Ao término, Joe passa pela mobilete dele e, sem dizer nada, mexe em um botão – clique! -- que a faz funcionar novamente, deixando o jovem intrigado com sua perspicácia ou talvez envergonhado por ele, um homem, não ter obtido o mesmo sucesso em um campo dito masculino, o do conserto de máquinas e motores. Assim Joe “sai por cima”, recomposta da humilhação de ter se submetido a um sexo cruel. Joe repetirá esse padrão sádico de outra

forma: “usando” e “descartando” os homens. A cada corpo “usado” e “descartado” ela: 1) revive o papel da “mulher má, vadia” (a mãe) e 2) se esquivava do trauma de amar e perder o homem amado (o pai).

Joe passa se relacionar com um número cada vez maior de parceiros, ainda na adolescência. Chega a ter um “Clube da Vulva”, cuja regra de ouro é não amar, mas apenas fazer sexo. Joe é discípula fiel do grupo: seduz os homens incansavelmente pelo simples prazer da conquista. Conta mentiras para mantê-los ao seu redor. Afirma a cada um que ele foi o responsável por fazê-la atingir o orgasmo pela primeira vez. Diante de uma secretária eletrônica abarrotada de mensagens pedindo encontros, joga dados para decidir com quem irá sair, para quem irá retornar a ligação ou encerrar o relacionamento, em uma verdadeira roleta-russa sexual e afetiva.

Joe intensifica um movimento iniciado na adolescência, que é despersonalizar os homens com quem se relaciona, transformando-os em objetos sexuais de seu comportamento sádico – ela é a própria “vadia”. Os homens são muitos, mas não são ninguém, pois ela não se importa de verdade com nenhum deles e, em sua fantasia, controla todos. Ela os considera apenas corpos que satisfazem sua compulsão sexual; ela escolhe com quem, quando e onde se deitará.

A paixão por Jérôme acontece quando Joe começa a trabalhar em um escritório, após desistir da carreira médica. A estudante capaz e inteligente, disposta a seguir os passos do pai, sofre um revés com sua escolha profissional: não consegue se concentrar nos estudos em virtude do descontrole gerado pelo contato com órgãos genitais e corpos nus. Assim, retrai-se profissionalmente e busca uma colocação “menor”, como secretária.

Seu chefe é Jérôme, por coincidência um homem com quem já havia se deitado tempos antes. Inicialmente Joe se recusa a se relacionar novamente com ele, apesar de suas investidas. “Para cada cem crimes cometidos em nome do amor, apenas um é cometido por causa do sexo” – é uma estatística proferida por Joe e que embasa seu comportamento avesso ao afeto. No entanto, quando Jérôme começa a humilhá-la no trabalho, Joe se apaixona por ele e “quebra” a regra que havia criado de não amar ninguém.

Joe decide se declarar a Jérôme. Será a primeira manifestação de amor dirigida a um homem que não seu pai. Seu “Clube da Vulva” havia acabado, sendo ela uma remanescente solitária, que seguia seus preceitos até deparar-se com os sentimentos por seu chefe e amante. Lembrava-se do que uma amiga lhe dissera ao romper com o clube: “O ingrediente secreto do sexo é o amor”.

Então Joe escreve uma longa carta a Jérôme e, após um mês, resolve entregá-la. A sua iniciativa, contudo, é frustrada pela descoberta de que Jérôme abandonou o escritório, se casou e mudou de país com outra secretária. A grande decepção é combatida com ainda mais sexo casual. Joe desenvolve uma fixação por Jérôme. Procura em todos os homens com quem se relaciona sexualmente características semelhantes às do amado: o sapato social, o relógio, um traço do rosto, e especialmente as mãos. A sua busca sexual, agora, é uma busca por Jérôme, o homem que instala em Joe o início de um comportamento masoquista. Ela não mais se deita aleatoriamente, sem compromisso, pois agora se submete ao sexo como meio de reviver a paixão por Jérôme. O medo de o amor aprisioná-la, de ser um sentimento caótico e causador de sofrimento constitui-se enfim uma realidade.

Seligman, o “salvador” e “analista”, por assim dizer, acompanha o tempo todo o discurso de Joe sem antecipar conclusões ou sugerir caminhos. Joe é a grande responsável por remontar a sua própria história e ter insights, alguns deles estimulados por observações aleatórias de Seligman, que contribuem para ela fazer inúmeras associações livres. Por exemplo: Joe comenta sobre um gravador próximo da cama onde está deitada. Este é o gatilho para Seligman explicar a polifonia de Bach (muitas vozes formando somente uma melodia) a qual Joe associa a muitos desconhecidos formando somente um homem, ideia que posteriormente ela relaciona à fixação em um único homem, Jérôme.

Voltando às lembranças de Joe. Jérôme, separado, retorna à cidade de Joe, os dois se reencontram e retomam o relacionamento. Joe está radiante com a reconquista do amado, mas por pouco tempo. Joe está nua na cama com Jérôme. Logo depois de gozar, ainda enroscada no corpo dele, entra em pânico com a percepção de que não consegue sentir ou amar o homem pelo qual se imaginava apaixonada. “Eu não sinto nada”, repete ela várias vezes para si própria e para ele, tomando consciência da frustração amorosa que vivera por meio da figura materna (a mãe indiferente) e da figura paterna (o pai que partiu cedo). Em seguida a tela fica negra e o filme se encerra, como o término por vezes abrupto mas previsto de uma sessão de terapia.

Bibliografia

FREUD, Sigmund – “Os instintos e suas vicissitudes”, Obras Completas, Volume XIV, página 179 a 184 (1915).

Filmografia

TRIER, Lars Von – “Ninfomaníaca – Volume I”, Dinamarca, Alemanha, França, Bélgica e Reino Unido (2014).